ESPECIAL

PLACAR

50 Times do PALMEIRAS

CAMPEÃO LIBERTADORES 1999

www.placar.com.br
R$ 3,90 • 12385/1 Ed.1152
ISSN 1415-2401
16>
9 771415 240008
Abril

Os imortais da Academia

No ano em que o Palmeiras conquista a Libertadores, o maior título da sua história, PLACAR traz uma edição especial com os grandes nomes do clube. O torcedor palmeirense, categoria júnior ou master, vai encontrar nomes queridos, quase familiares. Estão aqui os mais importantes craques de uma trajetória que completa 85 anos no dia 26 de agosto, quando um grupo de imigrantes fundou o Palestra Itália. Aos mais antigos, será um prazer rever Ademir da Guia, Dudu, Djalma Santos, Djalma Dias, destaques da Academia, o único time a rivalizar e bater o grande Santos da década de 60. Quem chegou ao mundo depois tem a chance agora de, numa única revista, juntar os times posados dos maravilhosos anos 90, quando o Palmeiras quebrou o jejum de títulos paulistas, foi bi-brasileiro, ganhou a Copa do Brasil, a Mercosul, o Rio-São Paulo e... claro, a Libertadores da América. Só falta um título nessa lista. Mas o dia 30 de novembro chega logo. O Manchester não perde por esperar!

César Sampaio e a Taça Libertadores de 1999: a maior conquista dos 85 anos do clube

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

PLACAR
ESPECIAL

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Mauro Calliari

DIRETOR DE REDAÇÃO: Leão Serva

DIRETORA DE ARTE: Cristina Veit
REDATOR-CHEFE: Sérgio Xavier Filho
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Ricardo Corrêa Ayres
EDITOR SÊNIOR: Alfredo Ogawa
SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA: Alexandre Battibugli
CHEFE DE ARTE: Fábio Bosquê Ruy
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Fernando Moura
ATENDIMENTO AO LEITOR: Silvana Ribeiro
COLABORADOR: Rogério Pallatta (Foto)

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

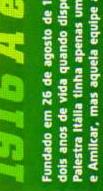
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

1916 A estréia no paulista

Fundado em 26 de agosto de 1914, por um grupo de imigrantes italianos, o clube tinha apenas dois anos de vida quando disputou o primeiro campeonato oficial de sua história. O jovem Palestra Itália tinha apenas um time modesto. Havia alguns bons jogadores como Bianco e Amilcar, mas aquela equipe ainda não era páreo e acabou na penúltima colocação do Estadual.

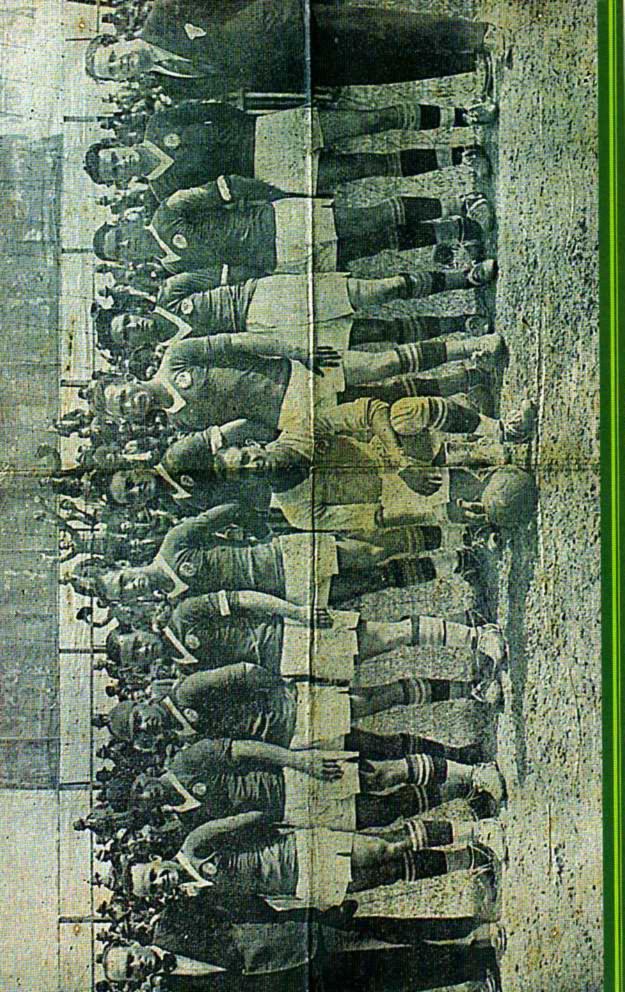
(Em pé) Gobato, Vale II, Vescovini, Bernardini e Severino. (Ajoelhados) De Biase, Bianco e Fabbie. (Sentados) Fabrini, Grimaldi e Ricco.

(Da esquerda para a direita)
Forte, Frederichi, Bertolini,
Ministro, Oscar, Heitor, Martinelli,
Primo, Severino, Bianco e Picagli.

1920 O primeiro campeão

No mesmo ano em que comprou o terreno do Parque Antártica, sua sede até hoje, o Palestra Itália conquistou o seu primeiro campeonato. Na Final de 1920, a equipe do craque Heitor e do zagueiro Bianco bateu o Paulistano no jogo desempate por 2 x 1. O gol que deu o título foi feito pelo atacante Forte, aos 32 minutos do segundo tempo.

1926 Pronto para o bi

Com a divisão do futebol paulista em duas ligas, o Campeonato de 1926 acabou enfraquecido. Membro da Associação Paulista de Esportes Atléticos (a mesma do rival Corinthians), o Palmeiras não teve dificuldades para chegar ao segundo título. Nove vitórias em nove jogos. O atacante Heitor, com 18 gols, foi o destaque do time, que ainda conquistou o bi em 1927.

(Em pé) Bianco, Primo, Amilcar, Serafino, Loschiavo e Xingó. (Agachados) Mathias, Caprone, Heitor, Tedesco e Mele.

1932 Palmeiras 100%

Empurrado pelos craques Imparatto e Romeu, artilheiro do campeonato com 18 gols, o Palestra realizou sua melhor campanha dentro de um Paulistão. Em onze jogos (dois a mais que o campeonato de 1926), nada de empates ou derrotas. Só vitórias, com direito a 48 gols a favor e apenas oito contra. Na partida decisiva, goleada na Portuguesa por 3 x 0.

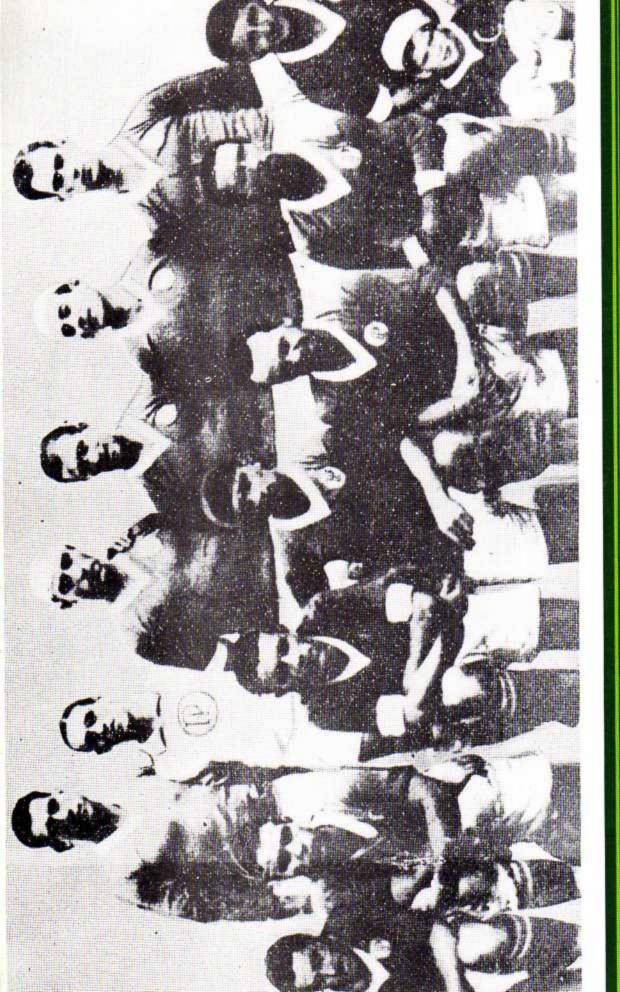
(Da esquerda para a direita) Lara, Imparatto, Romeu Pelliciari, Avelino, Junqueira, Loschiavo, Bressani, Cavernazzi, Tunga e Goliardo Gelardi. (À frente) Nascimento

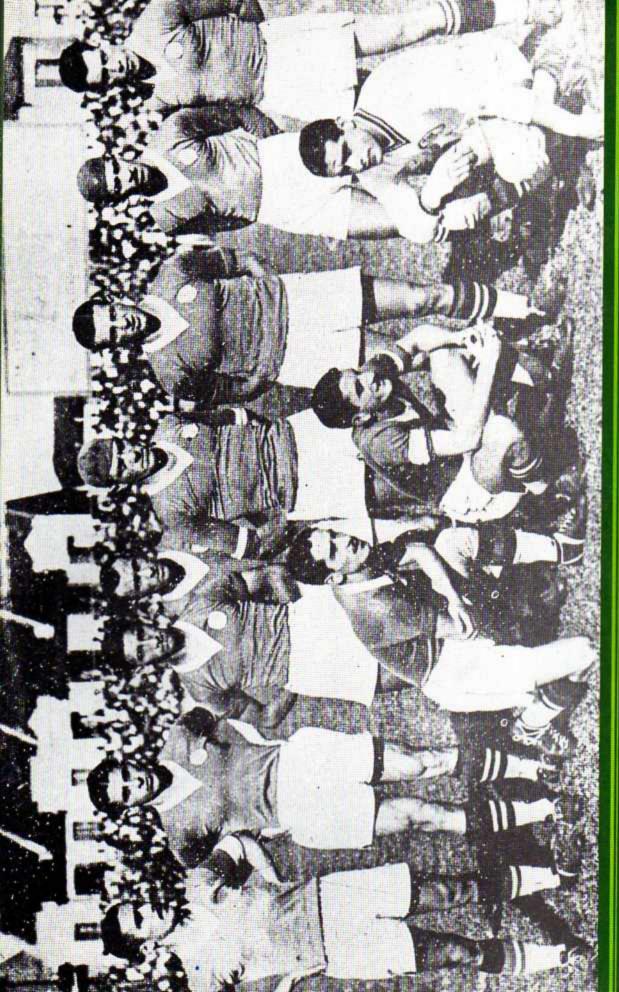
1933 Vitória dupla

No ano do primeiro campeonato paulista da era profissional, o Palestra Itália conseguiu um feito inédito. Como o Estadual estava sendo disputado simultaneamente ao Torneio Rio–São Paulo, o Verdão acabou sendo duas vezes campeão num jogo só. Na Final dupla, vitória de 1 x 0 sobre o São Paulo da Floresta, com gol de Avelino.

(Em pé) Junqueira, Voldoni, Pintanela, Tunga, Cambon. (Agachados) Avelino, Gabardo, Nascimento (goleiro), Romeu, Carasso e Imparatto

1934 O único tri

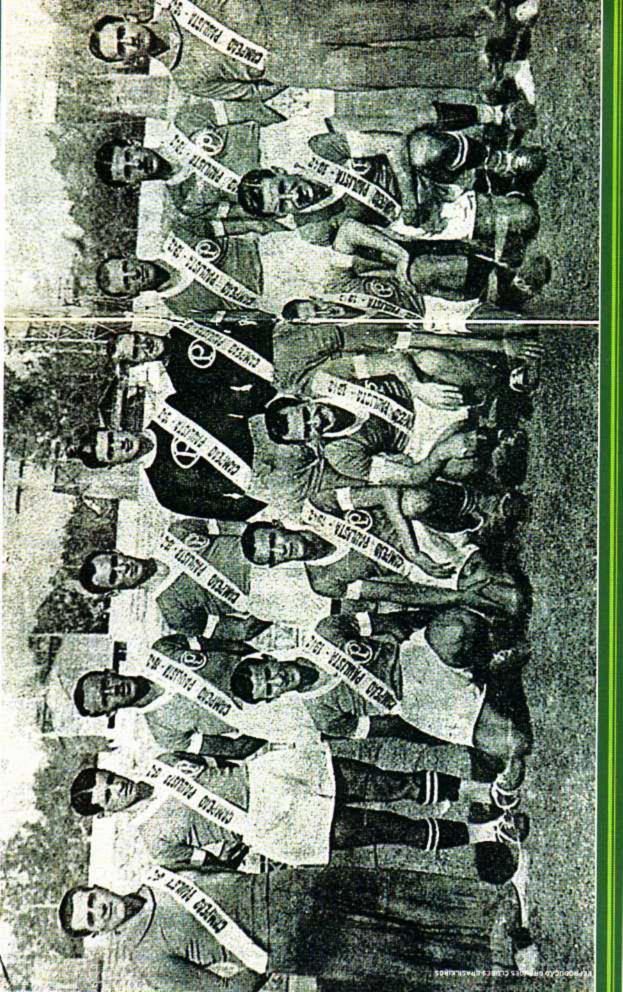
Reforçado pelos irmãos Moreira (o goleiro Aymoré e o meia Zezé, que ficariam muito mais famosos como técnicos de futebol), o Palestra Itália chegou ao tricampeonato paulista, o único de sua história. O time contava ainda com Heitor e Romeu, artilheiro do campeonato com 13 gols. Em catorze jogos, o Palestra teve apenas um empate e uma derrota.

(Em pé) Camera, Aymoré, Tunga, Dula, Tuty e Junqueira. (Agachados) Camieri, Álvaro, Gabardo, Romeu, Lara, Vicenti e Imparatto

1936 Rivais para sempre

Pela primeira vez, o clube decidiu um título contra aquele que desde o nascimento é seu maior adversário. O Corinthians levou o Primeiro Turno do Paulista e o Palestra ficou com o Returno. No primeiro jogo, vitória alviverde por 1 x 0. No segundo, empate em 0 x 0. Na terceira e última partida, triunfo apertado do Palestra, campeão paulista, por 2 x 1.

(Em pé) Luizinho, Del Nero, Barcelona, Dula, Tunga, Begliomini, Moacir e Camera. (Agachados) Rolando, Mathias e Jurandir

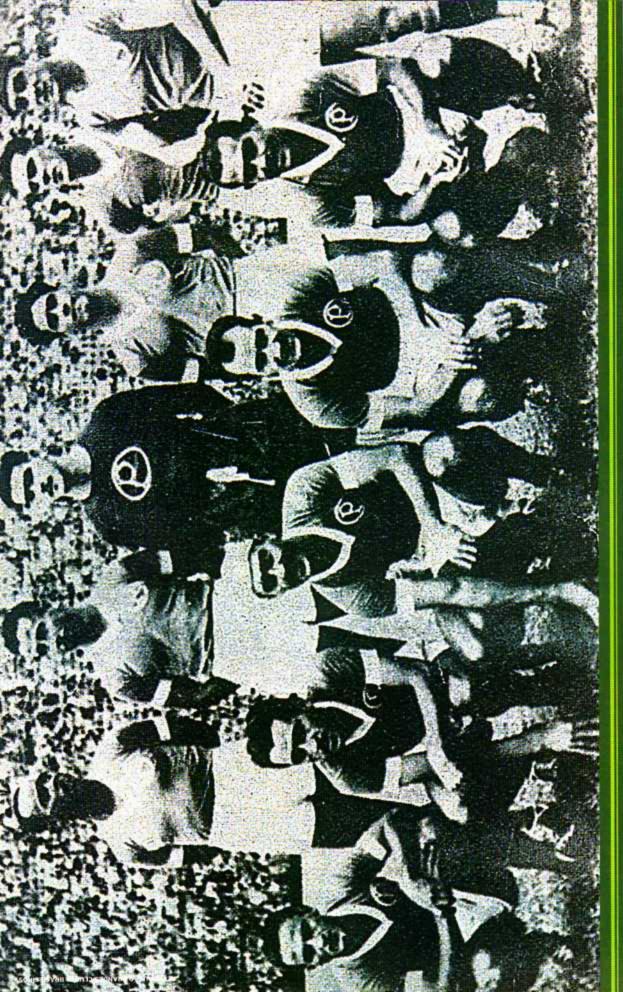
1940 Uma nova casa

O Parque Antártica é a sede, mas o clube sempre se sentiu em casa no Pacaembu. Além de fazer o jogo de inauguração do estádio, contra o Coritiba, no dia 28 de abril de 1940, o Palestra também usou o mesmo local para a Final do Paulistão daquele ano. Na decisão contra o São Paulo, goleada de 4 x 1 e o primeiro título da era Pacaembu.

(Da esquerda para a direita), Luizinho, Lima, Pipi, Carlos, Canhoto, Del Nero, Oliveira, Junqueira, Echevarrieta, Carnera e Giggio

1942 Batismo de fogo

Quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, o governo federal proibiu qualquer entidade de usar nomes associados aos inimigos Itália, Alemanha e Japão. O Palestra Itália virou Palestra de São Paulo e, em seguida, Sociedade Esportiva Palmeiras. Logo no ano de "estréia", uma dura disputa com o São Paulo pelo título paulista. No fim, Palestra, ou melhor, Palmeiras campeão.

(Em pé) Zezé Procópio, Og Moreira, Junqueira, Oberdan, Clodô, Begliomini, Del Nero. (Agachados) Cláudio, Waldemar Fiume, Villadoniga, Lima e Echevarrieta

1944 De volta ao rumo

Em 1943, mais do que a chance de ser bicampeão, o Palmeiras perdeu o rumo. A equipe jogou mal e acabou em terceiro lugar. No ano seguinte, tudo mudou. Com o goleiro Oberdan Catani e o atacante uruguaio Segundo Villadoniga em grande fase, o Verdão terminou o campeonato três pontos à frente do vice São Paulo.

(Em pé) Oq Moreira, Caieira, Oberdan, Osvaldo, Gengo e Dacunto. (Agachados) Lima, Gonzalez, Caxambu, Villadoniga e Jorginho

1947 Brandão faz história

Apesar de usar a mesma equipe que só obteve um modesto quinto lugar no Paulista do ano anterior, o Palmeiras conseguiu dar cara nova ao time com apenas uma única mudança. E nem era no campo. Quem mudou tudo foi Oswaldo Brandão, que iniciava a carreira como técnico. Logo na estréia, ele foi campeão paulista.

(Em pé) Turcão, Caieira, Og Moreira, Túlio, Oberdan e Waldemar Fiume. (Agachados) Lula, Arturzinho, Osvaldinho, Bovio e Canhotinho

1950 Por um ponto

Na classificação final, o Palmeiras ficou um ponto à frente do São Paulo. Ao decidir o campeonato numa partida extra, o Palmeiras jogava pelo empate. Não foi tão simples como parece. Num enlameado Pacaembu, o São Paulo saiu na frente. Só depois de muita disputa, o Verdão chegou lá. Aquiles, após um passe do craque Jair da Rosa Pinto, fez o gol de empate e do título.

(Em pé) Turcão, Palante, Oberdan, Sarno, Luiz Villa e Waldemar Fiume. (Agachados) Eduardo Lima, Canhotinho, Aquiles, Jair da Rosa Pinto e Rodrigues

AG. O GLOBO

1951 O Mundial palmeirense

Até hoje, muitos torcedores consideram a conquista da Taça Rio de 1951 como um título mundial interclubes. Mais valioso até que o disputado atualmente em Tóquio. Também pudera. Entre os participantes do torneio vencido pelo Verdão estavam o Nice, da França; o Estrela Vermelha, da Iugoslávia; e a Juventus, da Itália. A Final acabou sendo caseira, numa disputa com o Vasco.

(Em pé) Salvador, Dema, Túlio, Juvenal, Fábio e Luiz Villa. (Agachados) Liminha, Ponce de Leon, Richard, Jair da Rosa e Rodrigues

1954 O Palmeiras azul

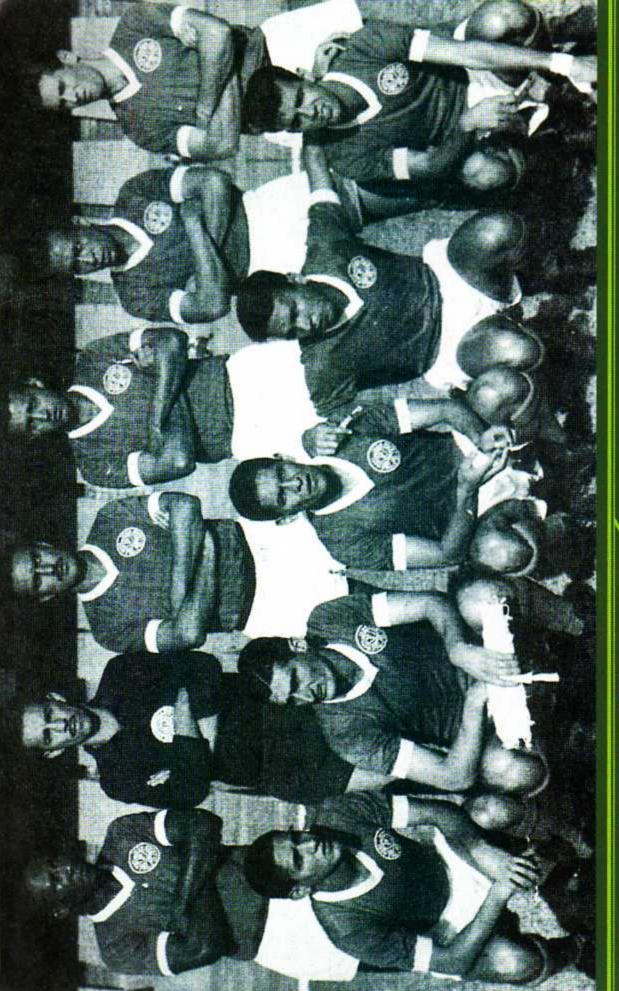
Alguém – dizem que uma mãe-de-santo – botou na cabeça do presidente do clube, Paschoal Giuliano, que o Palmeiras teria que mudar o uniforme na Final do Paulista de 1954, contra o Corinthians. Valia tudo para ganhar o chamado Título do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo. Até trocar o tradicional verde por uma estranha camisa azul. Não deu certo. Com o empate de 1 x 1, o Corinthians foi o campeão.

(Em pé) Dema, Manoelito, Cação, Laércio, Nilo e Waldemar Fiúme. (Agachados) Liminha, Humberto, Ney, Jair da Rosa e Rodrigues

1959 O supercampeão

Depois de 38 jogos, disputados em turno e returno, o Palmeiras, do técnico Osvaldo Brandão e do ponta Julinho Botelho, terminou o Paulista empatado com o Santos, que já era o timão de Pelé. Como eram duas grandes equipes, a decisão foi logo chamada de "Supercampeonato". Na série de três partidas, após dois empates emocionantes (1 x 1 e 2 x 2), o Verdão bateu o Santos por 2 x 1.

(Em pé) Djalma Santos, Valdir de Moraes, Waldemar Carabina, Aldemar, Zequinha e Geraldo Scotto. (Agachados) Julinho, Nardo, Américo Murolo, Chinesinho e Romeiro

1961 Vice da América

Na época, importante mesmo era o Campeonato Paulista. Por isso, o time encarou como um compromisso a mais aquela disputa da Taça Libertadores. Comandado pelo fenomenal atacante Julinho Botelho, o Palmeiras chegou à Final, contra o Peñarol, do Uruguai. Como haviam vencido em casa, os uruguaios ficaram com o título ao empatar a segunda partida em São Paulo.

(Em pé) Djalma Santos, Waldir, Waldemar Carabina, Geraldo Scotto, Zequinha e Aldemar.
(Agachados) Gildo, Julinho, Geraldo, Chinesinho e Romeiro

1963 Estraga Prazeres

Com Pelé, Zito, Pepe, entre muitos outros craques, o Santos conquistou quase todos os títulos estaduais na década de 60. Só o Palmeiras era capaz de estragar a festa. A primeira vez foi em 1963, quando a equipe já contava com um garoto tão tímido fora de campo, quanto exuberante no gramado. Foi levado pelo divino Ademir da Guia que o alviverde foi campeão e impediu o tetra santista.

(Em pé) Djalma Santos, Valdir de Moraes, Waldemar Carabina, Djalma Dias, Zequinha e Vicente Arenari. (Agachados) Julinho, Vavá, Servílio, Ademir da Guia e Tupãzinho.

1965 Palmeiras é Brasil

Sem condições de formar uma equipe para disputar um amistoso contra o Uruguai, em setembro de 1965, a Confederação Brasileira de Desportos, a CBF da época, chamou o Palmeiras para representar o país. Sob o comando do argentino Filpo Nuñez, que entrou para a história como o único estrangeiro a dirigir uma Seleção Brasileira, o Palmeiras foi a Belo Horizonte e venceu os uruguaios por 3 x 0.

(Da esquerda para a direita)
Valdir de Moraes, Servílio, Julinho, Waldemar Carabina, Ademir da Guia, Djalma Dias, Djalma Santos, Rinaldo, Ferrari, Dudu e Tupãzinho

1966 Fácil, fácil

Nem o Corinthians, de Flávio, nem o Santos, de Pelé e Toninho Guerreiro. Quem ficou com o título paulista de 1966 foi o Palmeiras de Ademar, Djalma Dias, Djalma Santos e Ademir da Guia. Depois de disputar palmo a palmo as primeiras fases do campeonato, o Verdão deslanchou no final e acabou sendo campeão com quatro pontos de vantagem sobre o Corinthians, segundo colocado.

(Em pé) Djalma Santos, Valdir de Moraes, Minuca, Djalma Dias, Zequinha e Ferrari. (Agachados) Gallardo, Ademar, Servílio, Ademir da Guia e Rinaldo

1967 Especialista nacional

Além da Taça Brasil, a temporada de 1967 rendeu outro título nacional para o Palmeiras. No recém-criado Torneio Roberto Gomes Pedrosa, uma espécie de Rio–São Paulo vitaminado com times gaúchos e mineiros, o Palmeiras do técnico Aymoré Moreira foi campeão, com o Internacional em segundo. Dois anos depois, o time repetiria a dose, desta vez deixando o Cruzeiro em segundo lugar.

(Em pé) Djalma Santos, Valdir de Moraes, Minuca, Baldochi, Dudu e Ferrari. (Agachados) Gallardo, Ademar, César, Jair Bala e Rinaldo

1968 Vice outra vez

No primeiro jogo, 2 x 1 para o Estudiantes, da Argentina. Na volta, 3 x 1 para o Palmeiras. Na terceira partida, 2 x 0 para os gringos, mas, na opinião do meia Ademir da Guia, com ajuda do juiz. Era o segundo vice-campeonato na Taça Libertadores da América. Foram quinze jogos, onze vitórias, um empate e três derrotas, com o melhor ataque do torneio (26 gols).

(Em pé) Djalma Santos, Péres, Baldochi, Minuca, Dudu e Ferrari. (Agachados) Dário, Servílio, César, Ademir da Guia e Tupãzinho

1972 Bom começo

O grande time da década de 60 foi batizado de "Academia". No início dos anos 70, sob o comando de Oswaldo Brandão, surgiu uma nova versão dessa escola de futebol. A primeira amostra veio em 1972 no torneio Laudo Natel, que precedeu o Campeonato Brasileiro. O Verdão passou por cima de seus adversários e conquistou a taça em cima do rival Corinthians.

(Em pé) Eurico, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca. (Agachados) Edu, Fedato, Leivinha, Ademir da Guia e Nei

1972 O último campeão invicto

Ao empatar em 0 x 0 com o São Paulo na Final do Paulistão de 1972, o Palmeiras conseguiu duas glórias. A primeira: levar o título e vingar-se do Tricolor, para quem havia perdido o troféu no ano anterior. A mais importante: ser campeão estadual invicto, com quinze vitórias e sete empates em 22 jogos. Façanha que nenhum clube, mesmo o Palmeiras, voltou a repetir.

(Em pé) Eurico, Leão, Dudu, Luís Pereira, Alfredo e Zeca. (Agachados) Edu, Leivinha, César, Ademir da Guia e Nei.

1972 A tríplice coroa

Conquistar três grandes torneios no mesmo ano. Não aconteceu agora em 1999, mas, tudo bem, a Tríplice Coroa já foi palmeirense. Em 1972, depois de levar o Torneio Laudo Natel e o Paulista, a Academia de Leão, Dudu, Leivinha e Ademir da Guia foi atrás de um título inédito. Em 30 jogos, foram quinze vitórias, dez empates e cinco derrotas. Pronto, o Palmeiras era campeão brasileiro.

(Em pé) Eurico, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca. (Agachados) Ronaldo, Leivinha, Madruga, Ademir da Guia e Nei

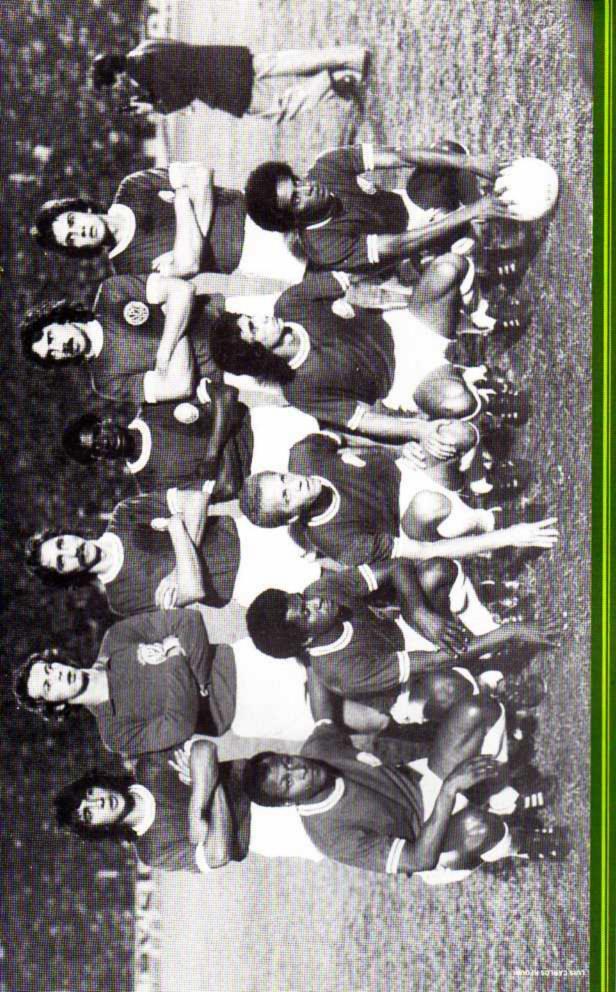
1973 Cada vez mais fácil

Foram quarenta jogos, a maior maratona de partidas num Brasileiro, com 25 vitórias, doze empates e apenas três derrotas. O time levou apenas 13 gols, média de 0,3 por jogo. Com uma campanha dessas o bicampeonato nacional não surpreendeu ninguém. O Palmeiras só não teve o artilheiro da competição, pois Leivinha, 20 gols, ficou a um gol de Ramón, do Santa Cruz.

(Em pé) Eurico, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca. (Agachados) Edu, Leivinha, César, Ademir da Guia e Nei

1974 Chora, Corinthians

Exatos vinte anos depois do seu último título paulista, o Corinthians estava na Final do Campeonato Paulista. Era um sonho que encheu o Morumbi de torcedores alvinegros e terminou no solitário gol de Ronaldo, o atacante palmeirense. Para aquele grande alviverde foi só um título entre tantos outros conquistados naquela época. O melhor mesmo era ver a cara desolada dos rivais.

(Em pé) Jair Gonçalves, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca.
(Agachados) Edu, Leivinha, Ronaldo, Ademir da Guia e Nei

1976 O começo da fila

Ao dar a volta olímpica no Parque Antártica, após derrotar o XV de Piracicaba, o Palmeiras estava só cumprindo a rotina de um time acostumado às vitórias. Era o primeiro título do ex-volante Dudu, agora no papel de técnico. Por outro lado, foi a última taça erguida pelo divino Ademir da Guia. Para os palmeirenses, aquela conquista do Paulista ficou marcada por outra razão: começou ali uma longa fila.

(Em pé) Valdir, Leão, Arouca, Pires, Samuel e Ricardo. (Agachados) Edu, Jorge Mendonça, Ademir da Guia, Toninho e Nei

1978 Festa estragada

Depois de eliminar o Internacional de Falcão nas Semifinais, o Palmeiras chegou com tudo para conquistar o terceiro título brasileiro. Bastava vencer um grupo de garotos, que fazia sensação no Guarani. Afinal, o Palmeiras do técnico Jorge Vieira tinha Jorge Mendonça, Leão, Escurinho, Toninho. Só que entre os garotos estava um tal de Careca. Deu Guarani.

(Em pé) Rosemiro, Leão, Beto Fuscão, Alfredo, Pires e Pedrinho. (Agachados) Sílvio, Jorge Mendonça, Toninho, Escurinho e Toninho Vanusa

JOSÉ PINTO

1979 O time de Telê

Craque? Só o lateral Pedrinho e o meia Jorge Mendonça. No mais, um grupo de bons jogadores. Mas com Telê Santana no comando, o time fez história e, por incrível que pareça, sem ganhar um título sequer. Foi eliminado nas Semifinais do Paulista e do Brasileiro, mas deixou a marca de uma equipe alegre e sempre ofensiva. Capaz de goleadas como os 4 x 1 no Flamengo de Zico em pleno Maracanã.

(Em pé) Rosemiro, Gilmar, Beto Fuscão, Ivo, Polozzi e Soter. (Agachados) Amilton Rocha, Jorge Mendonça, Toninho, Pires e Nei

1981 O fundo do poço

Os seis primeiros colocados do Campeonato Paulista daquele ano tinham vaga no Campeonato Brasileiro. O Palmeiras conseguiu ficar em sétimo e foi disputar a Taça de Prata, equivalente da Segunda Divisão. Por uma dessas artimanhas do regulamento, conseguiu "subir" no mesmo ano. Mas ainda assim deu vexame e terminou num ridículo 31º lugar.

(Em pé) Benazzi, Vitor Hugo, Jaime Boni, Marquinhos, Darinta e João Marcos. (Agachados) Osni, Paulinho, Senna, Célio e Baroninho

1983 O falso salvador

O ponta-de-lança Enéas, o maior craque da Portuguesa nos anos 70, desembarcou no Parque Antártica em 1983, com a dura missão de dar um título, qualquer que fosse, ao Palmeiras. Aos 29 anos, o habilidoso jogador teve até alguns lampejos de craque – entre muitas horas dormindo em campo, como reclamavam torcida e imprensa.

(Em pé) João Marcos, Batista, Rocha, Márcio, Nenê e Pedrinho. (Agachados) Carlos Alberto Borges, Jorginho, Luís Pereira, Enéas e Baroninho

1984 O falso salvador II

O atacante Mário Sérgio fazia maravilhas em campo e o Palmeiras seguia firme para reconquistar o título paulista que não conseguia desde 1976. O time contava ainda com a volta do goleiro Leão e a boa fase dos meias Jorginho e Carlos Alberto Borges. Mas o caso de doping de Mário Sérgio, denunciado durante o campeonato, tirou o time do rumo.

(Em pé) Ditinho, Leão, Vágner, Rocha, Márcio e Paulo Roberto. (Agachados) Osias, Jorginho, Reinaldo, Carlos Alberto Borges e Mário Sérgio

SERGIO BEREZOVSKY

1986 Porca miséria!

Desta vez, parecia que o jejum de títulos ia acabar mesmo. O time estava em grande fase e a torcida, feliz da vida, tinha até adotado o porco como novo símbolo deixando os corintianos sem a sua provocação preferida. A Final era contra um time pequeno, a Internacional de Limeira. Parecia fácil. A derrota por 2 x 1, em pleno Morumbi, acabou com tudo.

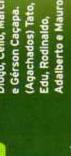
(Em pé) Ivan, Amarildo, Martorelli, Márcio, Diogo, Lino e Denys. (Agachados) Toninho, Gérson Caçapa, Mirandinha, Edmar, Éder e Jorginho

1987 Tempos de vacas magras

Depois da decepção contra a Inter no Paulista de 1986, o clube apostou em caras novas. Surgiram talentos caseiros como o volante Gérson Caçapa e o meia Edu Manga. Outros vieram de fora como o atacante Mauro, o lateral Diogo. De todos eles, o mais bem sucedido foi o goleiro Zetti, que já mostrava serviço na época. Naquela temporada, ele ficou quase 1 000 minutos sem levar um único gol.

(Em pé) Zetti, Toninho, Diogo, Célio, Márcio e Gérson Caçapa. (Agachados) Tato, Edu, Rodinaldo, Adalberto e Mauro

CARLOS FENERICH

1989 A tragédia de Bragança

Foram 23 jogos, treze vitórias e dez empates, até a partida decisiva contra o Bragantino, na Semifinal do Campeonato Paulista de 1989. Após tantos anos de fila, o time dirigido pelo técnico Leão e com craques como Darío Pereyra, Edu Manga e Neto, tinha tudo para chegar ao título. Mas uma única derrota, por 3 x 0 em Bragança Paulista, pôs fim ao sonho alviverde.

(Em pé) Darío Pereyra, Toninho, Júnior, Édson, Velloso e Abelardo. (Agachados) Mauricinho, Gérson Caçapa, Gaúcho, Edu e Neto

1991 Adeus aos velhos tempos

Esta foi a última equipe formada apenas por jogadores que pertenciam ao clube. Era o exemplo típico de um mundo com tradição, mas sem dinheiro para grandes e várias contratações. Terceiro colocado no Paulista e sexto no Campeonato Brasileiro, o time não deixou saudade para o torcedor. A não ser pela presença do matador Evair.

(Em pé) César Sampaio, Odair, Toninho, Ivan, Andrei e Luís Eduardo. (Agachados) Betinho, Evair, Magrão, Edu Marangon e Erasmo

1992 Em boa companhia

Depois de alguns meses de negociação, a empresa italiana Parmalat fechou o contrato de co-gestão com o Palmeiras e iniciou uma revolução no clube e no futebol brasileiro. A mudança mais visível apareceu no uniforme do time. Era o símbolo de novos tempos, com grandes investimentos e planos maiores ainda. A estréia desse Palmeiras aconteceu no dia 26 de abril de 1992, com uma vitória sobre o Cruzeiro.

(Em pé) Odair, Toninho, Biro, César Sampaio, Carlos e Tonhão. (Agachados) Betinho, Marcinho, Edu Marangon, Daniel Frasson e Paulo Sérgio

NELSON COELHO

1992 Bateu na trave

Os investimentos da Parmalat logo começaram a mostrar resultados. Com Zinho, Mazinho, Cuca e Jean Carlo, a equipe do técnico Otacílio Gonçalves chegou perto do título paulista. Depois de uma boa campanha, perdeu a Final para o forte São Paulo de Telê Santana. Em outras épocas, a derrota na decisão provocaria uma debandada geral. Mas o acordo foi mantido e o time ficou mais forte ainda.

(Em pé) Mazinho, Toninho, Edinho Baiano, César, Dida, Daniel Frasson e César Sampaio. (Agachados) Jean Carlo, Evair, Cuca e Zinho.

PALMEIRAS

1993 Misto matador

Com o título paulista de 1993 na mão, o clube resolveu descansar alguns titulares no ressuscitado Torneio Rio-São Paulo. Mesmo jogando com um time misto, o Palmeiras ganhou de novo. No primeiro jogo da Final contra o Corinthians, deu 2 x 0, com gols e show de Edmundo. Na partida seguinte (*foto acima*), nem foi preciso chamar o Animal. O mistão segurou o 0 x 0 e levou a taça.

(Em pé) Sérgio, Tonhão, Cláudio, Roberto Carlos, César Sampaio e Alexandre Rosa. (Agachados) Flávio Conceição, Amaral, Maurílio, Edilson e Jean Carlo

NELSON COELHO

(Em pé) César Sampaio, Gil Baiano, Cléber, Roberto Carlos, Sérgio e Antônio Carlos. (Agachados) Edmundo, Mazinho, Evair, Edilson e Zinho

1993 Outro jejum acaba

No primeiro semestre, caiu o tabu do título paulista. No segundo semestre, era a hora de reconquistar o país. Em 22 jogos, foram dezesseis vitórias e apenas duas derrotas. Um surpreendente Vitória apareceu na Final, mas nada que abalasse o trio Edilson, Evair e Edmundo. Dois jogos finais, duas vitórias (1 x 0 e 2 x 0). O Palmeiras voltava a ser campeão brasileiro, depois do bi de 1972/73.

1994 Bicampeão, fácil

O Campeonato Paulista de 1994 foi disputado à moda antiga, em turno e returno. Assim, ficou fácil para o melhor time do torneio. O Verdão dos estrangeiros Rincón, na meia, e Gato Fernández, no gol, não teve trabalho para conquistar o bicampeonato estadual. Tanto que o título veio na penúltima rodada, em cima do Santo André, com um gol de Evair, artilheiro do campeonato com 23 gols.

(Em pé) Mazinho, Cláudio, Cléber, Fernández, César Sampaio e Antônio Carlos. (Agachados) Evair, Rincón, Edílson, Roberto Carlos e Zinho

NELSON COELHO

1994 Rivaldo comanda o show

Como em 1973, o Verdão repete o feito e se torna bicampeão brasileiro. Foi o quinto título da geração Parmalat. Desta vez, o maestro da equipe foi Rivaldo, que marcou três gols nos dois jogos das Finais contra o seu ex-time, o Corinthians. A dupla de ataque Edmundo e Evair também brilhou ao assinalar 23 gols dos 58 da equipe.

(Em pé) Cléber, Velloso, César Sampaio, Cláudio, Wagner e Antônio Carlos. (Agachados) Edmundo, Flávio Conceição, Evair, Rivaldo e Zinho

1995 O tri vai embora

Com o técnico Carlos Alberto Silva no lugar do vitorioso Wanderley Luxemburgo, o Palmeiras tropeça feio. Na Taça Libertadores da América, leva 5 x 0 e cai diante do Grêmio. No Campeonato Paulista, perde a decisão contra o Corinthians e desperdiça a chance de repetir o tri-estadual de 1932/33/34, o único da história do clube.

(Em pé) Velloso, Mancuso, Flávio Conceição, Nilson, Cléber e Antônio Carlos. (Agachados) Índio, Amaral, Rivaldo, Müller e Edílson

PISCO DEL GAISO

1996 Máquina mortífera

Desde os tempos da Academia os torcedores do Palmeiras não vibravam tanto com uma equipe tão técnica e ofensiva. No título paulista de 1996, o 21º da história, o Verdão do técnico Wanderley Luxemburgo, de volta ao clube, alcançou a incrível marca de 102 gols em 30 partidas. Rivaldo, Djalminha, Müller, Cafu, Luizão e Flávio Conceição comandaram o show alviverde em 1996.

(Em pé) Velloso, Júnior, Sandro, Rivaldo, Cafu, Flávio Conceição e Cléber. (Agachados) Luizão, Amaral, Müller e Elivélton.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1997 Faltou pouco

Depois de um Campeonato Paulista ridículo, o Palmeiras botou a casa em ordem ao chamar Luiz Felipe para comandar o time. A Parmalat abriu o caixa de novo e Viola, Alex e Pimentel reforçaram o time. Numa Final que parecia jogo fácil para o Vasco de Edmundo, o Palmeiras endureceu a parada e só acabou com o vice-campeonato depois de dois 0 x 0 bem disputados.

(Em pé) Velloso, Pimentel, Cléber, Roque Júnior e Rogério. (Agachados) Alex, Viola, Galeano, Euller e Zinho

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1998 Felipão mostra serviço

O técnico Luiz Felipe Scolari é um especialista em Copa do Brasil. Ele estava à frente do Criciúma (SC), campeão de 1991, e do Grêmio, vencedor de 1993. Com o Palmeiras não foi diferente. Na primeira Copa do Brasil que disputou pelo alviverde, Felipão ficou com a taça. Na Final, despachou o Cruzeiro, com um gol de Oséas, aos 44 minutos do segundo tempo.

(Em pé) Velloso, Agnaldo, Neném, Rogério, Roque Júnior, Júnior, Cléber, Cris e Marcos. (Agachados) Almir, Pedrinho, Darci, Oséas, Galeano, Paulo Nunes, Alex, Zinho e Arilson

1998 Aprovado no vestibular

Já classificado para a Libertadores de 1999, o Palmeiras entrou na Copa Mercosul para testar o time em competições sul-americanas. Com uma campanha brilhante (13 jogos, 11 vitórias, um empate e só uma derrota), o Palmeiras do meia artilheiro Alex atropelou os principais clubes da América do Sul e foi campeão em cima do Cruzeiro na primeira edição do torneio.

(Em pé) Marcos, Neném, Velloso, Arce, Júnior Baiano, Roque Júnior, Tiago e Júnior. (Agachados) Agnaldo, Pedrinho, Rodrigo Taddei, Almir, Magrão, Oséas, Paulo Nunes, Zinho, Rogério e Alex

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1999 Expresso da alegria

Os apelidos variavam: time misto, expressinho, Palmeiras B. Com os olhos na Libertadores, o Palmeiras muitas vezes botou os reservas para disputar outros torneios. Eles cumpriram bem o papel ao levar o clube às Semifinais da Copa do Brasil e às Finais do Paulista. E ainda ressuscitaram ídolos, como o atacante Euller, herói na virada de 4 x 2 sobre o Flamengo.

(Em pé) Marcos, Arce, Tiago, Roque Júnior, Galeano e Júnior Baiano. (Agachados) Júnior, Euller, Oséas, Jackson e Rogério

1993 Campeão, enfim

Desde de 1976, a torcida não sabia o que era um título. Depois de chega Wanderley Luxemburgo e os reforços de Roberto Carlos, César Sampaio, Campeonato Paulista de 1993. E melhor ainda: o título foi em cima do

...m!

...r perto em 1986 e 1992, o Verdão, com o técnico ... Antônio Carlos, Edmundo e Edilson, conquistou o ...aior rival, o Corinthians, e com goleada de 4 x 0 na Final.

(Em pé) Mazinho, Roberto Carlos, César Sampaio, Tonhão, Sérgio e Antônio Carlos. (Agachados) Edmundo, Daniel Frasson, Evair, Edílson e Zinho

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1999 A América tem

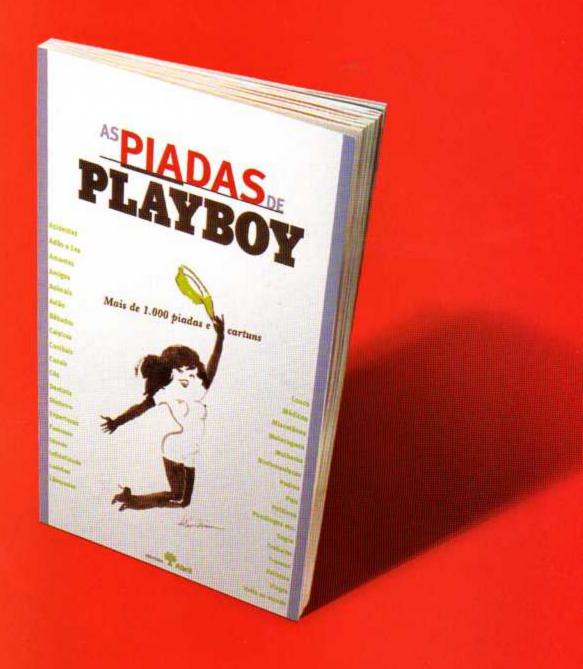
Vitória apertada no tempo normal, disputa nos pênaltis, o time perdendo
Taquicardia à parte, valeu a pena. Pela primeira vez, o Palmeiras é o camp
lá estavam os torcedores alviverdes, quatro dias depois, na Final do Paulis

novo dono

primeira penalidade e, só no finzinho, virando o marcador.
ão da Taça Libertadores da América. E mal acabou a festa,
, tripudiando dos rivais regionais, os corintianos.

(Em pé) Marcos, Sérgio, Arce, César Sampaio, Agnaldo, Júnior Baiano, Cléber, Roque Júnior e Galeano. (Agachados) Evair, Rubem Júnior, Rogério, Euller, Oséas, Júnior, Alex, Zinho, Jackson e Paulo Nunes

AS PIADAS DE PLAYBOY

Mais de 1.000 piadas e cartuns

VOCÊ VAI RIR MAIS DE 1.000 VEZES.

Mais de 1.000 piadas e cartuns de PLAYBOY
reunidos em um livro. Em junho, nas bancas e livrarias.

www.playboy.com.br

Young & Rubicam
"No lance do primeiro gol, Leonardo jamais poderia estar marcando um bom cabeceador como Zidane"
PLACAR Nº 1141
Quem ama futebol não vive sem PLACAR.
PLACAR